
ARTIGOS

Persp. Teol. 20 (1988) 293-316

HOMOSSEXUAIS E ÉTICA DA LIBERTAÇÃO Uma caminhada

Bernardino Leers O.F.M.

Abordar o problema moral da homossexualidade é abrir uma caixa de Pandora, semear vento e colher tempestade. Cercado de uma nuvem de condenação, desprezo mal disfarçado e marginalização, o assunto está tão carregado de emoções, medo, agressividade, insegurança e preconceitos, que é quase impossível encará-lo com calma e objetividade serenas. Produto de uma longa tradição humana, judaica e cristã, e intimamente ligada às convicções religiosas dominantes, a discriminação contra os homossexuais provocou nos tempos recentes dois fenômenos importantes: o movimento organizado de emancipação dos "gays" em muitos países e novas formas de tolerância social, embora muitas não sejam mais do que celofane em torno do pacote tradicional de censura e ridicularização, e maneira mais refinada de explorar objetos sexuais variados nos meios populares de comunicação. Com esta nova evolução, o ambiente para uma reflexão tranqüila mais esquentou do que melhorou¹.

-
- 1 a) Hendrik M. RUITENBEEK (ed.): *The Problem of Homosexuality in Modern Society*, New York, 1963. Michael SCHOFIELD: *Sociological Aspects of Homosexuality*, London, 1965. Erminio GIUS: *Una messa a punto della omosessualità*, Torino, 1972. Marcel ECK: *Sodome, essai sur l'homosexualité*, Paris, 1966. Michael BON — Antoine D'ARC: *Relatório sobre a homossexualidade masculina*, Belo Horizonte, 1979. John HART — Diane RICHARDSON: *The Theory and Practice of Homosexuality*, London, 1981. Gerard J. M. VAN DEN AARDWEG: *Das Drama des gewöhnlichen Homosexuellen*, Stuttgart, 1985. Peter FRY — Edward MacRAE: *O que é homossexualidade*, São Paulo, 1984.
- b) Herman VAN DE SPIJKER: *Die gleichgeschlechtliche Zuneigung*, Olten, 1968. Marc ORAISON: *La question homosexuelle*, Paris, 1975. John J. McNEILL: *The Church and the Homosexual*, London, 1977. Marciano VIDAL (ed.): *Homossexualidade: ciência e consciência*, São Paulo, 1975. Xavier THÉVENOT: *Homosexualités masculines et morale chrétienne*, Paris, 1985. Wunibald MUELLER: *Homosexualität: eine Herausforderung für Theologie und Seelsorge*, Mainz, 1986. Robert NUGENT (ed.): *A Challenge to Love*, New York, 1987.

Numa época em que a sensibilidade cultural coloca a liberdade no centro das atenções e lutas e descobre sempre novas formas de escravidão e morte, compreende-se não só que os próprios homossexuais comecem a se revoltar abertamente contra a prisão em que a sociedade os mantém, mas também que a ética se veja obrigada a interrogar a própria tradição de normas e razões que, se talvez não tenham construído esta prisão, ao menos legitimaram sua existência. O discurso da ética da libertação trabalha com as categorias de oprimidos, marginalização, morte libertação, que podem ser aplicadas sem muitas ginásticas também na reflexão sobre os homossexuais². Na América Latina, a ética da libertação costuma incluir o que tradicionalmente pertence à área de teologia moral. Nesta reflexão, porém, a perspectiva teológica com sua metodologia e argumentos ficará intencionalmente fora de consideração.

1. LIMITES DA LINGUAGEM.

Com o nome genérico de homossexuais costumam ser identificadas as pessoas humanas, cuja tendência ou inclinação sexual, afetiva se dirige predominantemente a pessoas do mesmo sexo biológico. Como as muitas pesquisas atuais demonstram, o discurso tradicional sobre a homossexualidade ficou por demais preso a algumas generalidades, sombras e negações da heterossexualidade, com que os próprios homossexuais não se sentem identificados e em que não se reconhecem sem mais nem menos. Uma visão global talvez dê certa satisfação à curiosidade de novatos ou forasteiros na área e possa fornecer um alibi racional para regras categoriais de comportamento. Este tipo de discurso ético, porém, marginaliza facilmente a personalidade individual dos homossexuais, a qual, de fato, é a origem criativa da conduta e convivência deles. As pessoas humanas em sua diversidade são anteriores à sua homossexualidade e mais importantes, como agentes, do que um comportamento homossexual abstrato.

Não há dois homossexuais iguais, do mesmo modo que não há dois heterossexuais iguais que vivassem sua vida sexuada e assumissem sua sexualidade de maneira qualitativamente igual. Cada um leva consigo sua gênese, em boa parte escondida e desconhecida, vai acumulando suas experiências, tem suas reações, seus encontros e desencontros com sua família, amigos, ambiente de trabalho e de lazer, com a sociedade em que vive. Na caminhada que percorreu, cada um fez e faz suas opções e escreve sua história particular em que a pessoa mesma nem

2 Homossexualidade se refere a ambos os sexos. Aqui é focalizada a homossexualidade masculina.

sempre entende as surpresas que a vida lhe causa. As diferenciações individuais nunca se deixam objetivar por completo, nem na linguagem dos poetas. No entanto, a necessidade da comunicação chega a formar uma certa linguagem comum e aproximativa, de nível popular e científico, que, no entanto, possui seus próprios limites e nunca é capaz de exaurir o dinamismo vital das pessoas reais.

Salvo engano, a história da literatura científica sobre este assunto confirma, a sua maneira, esta visão. Em vez de limitar-se a uma definição abstrata e redutiva da fenomenologia homossexual, como era costume nos tratados éticos tradicionais, o progresso das pesquisas empíricas e tratamentos terapêuticos levou cada vez mais a reconhecer a ilimitada variedade de tipos, gêneses, histórias, modos de assumir pessoalmente sua homossexualidade e maneiras de agir. Homossexuais não se deixam captar simplesmente sob um denominador comum, se não a grande distância, em que as diferenças pessoais não são mais incluídas na percepção. De fato, o termo "homossexual" é genérico demais para entender as pessoas ou as pessoas se entenderem a si mesmas em seus sentimentos, desejos e ações.

2. CAMPOS DE PERCEPÇÃO.

O agente pensante da ética é "just a man" e depende das condições humanas comuns e de sua história, como qualquer outro ser humano. Pelas pesquisas da psicologia da "Gestalt" ficou evidente que a percepção da realidade não é puro registro fotográfico da objetividade, mas inclui a estruturação do campo da percepção, conforme os interesses e desejos das pessoas que a percebem. O velho princípio "quod percipitur per modum percipientis percipitur" encontrou aqui sua elaboração mais precisa. Na literatura histórica sobre o assunto dos homossexuais não custa muito esforço descobrir várias formas básicas de perceber e conceituar o fenômeno entre os autores. Sendo estas formas o ponto de partida da reflexão ética racional, os resultados desta são evidentemente influenciados pela maneira de encarar e focalizar intencionalmente a complexa realidade.

Esquemáticamente cinco maneiras de aproximação deixam-se distinguir³:

- 1) os atos sexuais genitais momentâneos concentram a atenção, isolados do contexto das pessoas agentes, de modo que fica na sombra, se estas são normalmente heterossexuais ou homossexuais;

³ Estas distinções se baseiam na comparação dos vários autores e em Anthony KOSNIK (ed.): *Human Sexuality*, New York, 1977, 200-209.

-
- 2) a pessoa homossexual é focalizada, com sua gênese, seu modo de ser, sentir e agir, sem incluir necessariamente atividade genital;
 - 3) as relações mútuas entre pessoas homossexuais nas várias formas de amizade, "eros" ou atividade sexual, são focalizadas de modo a deixar esta última num plano secundário, o que motivou até o neologismo "homotropia", com a intenção de superar a visão estreita que põe em primeiro plano a atuação sexual⁴;
 - 4) a atenção se concentra sobre o relacionamento, ao menos comparativo, entre homossexualidade e heterossexualidade, em que ambas são vistas mais ou menos como duas formas variantes da sexualidade humana, ou a primeira é interpretada como subdesenvolvimento, inversão ou perversão da segunda, considerada madura, normal e plena;
 - 5) no centro estão as pessoas humanas em sua convivência sócio-cultural de conflito entre a predominância heterossexual e a minoria homossexual, configurando um sistema de opressão, ostracismo e marginalização, de que os homossexuais são as vítimas.

Nesta variedade de planos, no sentido cinematográfico, esta reflexão opta pelo último, por ser mais abrangente e mais perto da realidade vivencial, ponto de partida para a realização de qualquer projeto de vida que interesse à reflexão ética. O quarto plano, no entanto, está tão próximo, que quase automaticamente entra na reflexão. Pois a interpretação da homossexualidade, dos homossexuais, costuma estar umbilicalmente ligada à interpretação da heterossexualidade, considerada tão normal, universal e humanamente significativa, que na literatura há quase uma inconsciente identificação entre heterossexualidade e sexualidade em geral. Também na perspectiva social e cultural, o homossexual não pode ser compreendido em sua história e seu modo de viver, senão em função da maioria heterossexual, suas idéias e atividades, com que ele vive e a que "corresponde" de seu jeito.

Esta opção perceptiva se distancia conscientemente da aproximação formal tradicional que escolheu como objeto o ato sexual genital, isolado de seu contexto real de pessoas em sociedade. Homossexuais não são objetos, como se fossem animais interessantes nas jaulas de um jardim zoológico. São pessoas, sujeitos, centros de decisão e ação responsáveis, como são as pessoas heterossexuais. Em vez de tomá-los como objetos abstratos, entram em questão a solidariedade com as pessoas e a procura de entender sua situação, suas histórias e possibilidades de

4 O termo foi inventado por Herman van de Spijker, inspirado pela tropia das plantas, a fim de escapar da focalização genital do termo homossexualidade. O termo não ganhou muita divulgação.

caminhar na sociedade atual. O que se torna mais importante ainda nesta área, porque, antes de começar qualquer reflexão sistemática, já é do conhecimento geral a nuvem de condenação que cerca tradicionalmente os homossexuais, tornando-lhes a vida muitas vezes um drama e cheia de conflitos.

3. A MARGINALIZAÇÃO DOS HOMOSSEXUAIS.

Mesmo procurando legitimar e criar normas universais, a reflexão ética ocidental inclui tradicionalmente uma teoria diferenciada do agir humano. Os discursos morais universais são menos úteis, porque os atos humanos são particulares⁵. As ciências empíricas modernas têm dado uma contribuição valiosa ao conhecimento e à compreensão do agir das pessoas humanas, especificando a terminologia clássica de "ratio", "voluntas" e "passiones" e demonstrando melhor a complexidade e variedade de condicionamentos que entram em jogo, para as pessoas agirem. Embora não seja possível por ora sintetizar os muitos dados, o aspecto que se destaca é a socialidade comunicativa, a interdependência contínua do agir humano. A pessoa não cria suas ações por si, como se fosse uma mônada soberana, mas sempre está condicionada por seus talentos e limitações em comunicação com a sociedade em que nasce, cresce e se situa e com que está relacionada por uma grande variação de laços e dependências sociais, para seu bem ou para seu mal.

No sistema cultural que domina a América Latina, muitas vezes ainda chamado cristão, o ambiente global é redondamente contrário aos homossexuais. Eles não possuem o espaço de liberdade para se desenvolverem e levarem sua vida, como parece ser natural para os heterossexuais, apesar dos restos de repressão puritana e jansénica da sexualidade no Brasil. Ao contrário, são marginalizados, humilhados, ridicularizados e atrapalhados em sua evolução por preconceitos e discriminações sociais. O interesse moderno de averiguar já bem antes do nascimento, se será menino ou menina, não impede que a evolução sexual de cada pessoa passe, mais do que nunca, por um longo e complicado processo sócio-cultural desde as grutas escuras da existência humana até ao amadurecimento relativo e à socialização mais ou menos equilibrada. Nestes processos há pessoas que cedo descobrem sua tendência homossexual, diferente dos companheiros, sem que haja qualquer opção racional ou livre de sua parte. O homossexual constata em si mesmo sua inclinação, antes de poder raciocinar ou escolher entre alternativas. Em

⁵ Santo Tomás de AQUINO: *Summa Theologica* II-II, Prologus. Cf. J. H. DIJKMAN: "Integratie van het verhaal in de ethiek". *Tijdschrift voor Theologie* 28 (1988) 50-72 (aqui: 50-54).

sua formação original, nem a heterossexualidade nem a homossexualidade resultam de um projeto consciente de vida. Mas sem dúvida, na evolução do homossexual e heterossexual, a sociedade que os cerca tem um peso condicionante bem grande⁶.

Na reflexão ética tradicional, as circunstâncias do agir humano são principalmente analisadas na perspectiva individual, como indica o conhecido verso: "quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando." Com a evolução do mundo moderno, cresceu também uma consciência mais aguda das influências sociais, econômicas, políticas e culturais sobre o comportamento humano, muitas vezes tão escondidas, que as próprias pessoas dificilmente percebem tais condicionamentos de seu pensar, sentir e agir. Um dos paradoxos da modernidade é que o individualismo progredia, como por autodefesa, no nível teórico e prático, na mesma época em que os indivíduos se tornavam cada vez mais dependentes dos outros, dos sistemas de comunicação e de poder e das grandes estruturas que formam a sociedade concreta em que nascem, se desenvolvem e caminham. Desde antes do nascimento até depois da morte, a sociedade global está pesadamente presente na vida das pessoas que fazem parte dela, e condiciona idéias e comportamentos mais do que o grande público em geral se imagina. Expressões de que a televisão faz a cabeça do povo e outras podem ser inexatas e exageradas. Todavia, a evidência é suficiente para defender a influência marcante e maciça do ambiente sócio-cultural sobre a evolução moral dos indivíduos.

4. AS RAÍZES CULTURAIS DA REJEIÇÃO.

O fato de a vida e comportamento dos homossexuais encontrarem na sociedade, até hoje, forte resistência está intimamente ligado ao padrão cultural dominante. Na mentalidade do povo em geral, o casamento heterossexual monogâmico continua a ser um valor central para homens e mulheres. A monogamia pode ter um caráter bastante elástico na práxis masculina e atualmente muda também de significado para as mulheres, mas ao menos a fachada pública há de ser salva. Tradicionalmente funciona uma divisão, — quiçá oposição —, clara e inconfundível entre os papéis sociais bem definidos do homem e da mulher, tanto na vida social, quanto no lar, de modo que também a expectativa sócio-cultural para o comportamento dos dois sexos está bem fixada.

6 Desde o trabalho pioneiro de Werner Schölgén, o interesse pelo condicionamento social da conduta humana tem crescido sempre mais. Veja Gerfried W. HUNOLD: *Ethik im Bannkreis der Sozialontologie*, Bern, 1974.

Peça muito importante na vida e para a vida, o terreno todo da sexualidade humana está cercado por leis civis e suas sanções e por normas éticas com seus castigos, culpas e ostracismos.

Como se toda esta estrutura cultural e mental não bastasse para condicionar a repressão e condenação de comportamentos desviantes e contrários ao código, ainda bem rígido, na área, entram ainda outros fatores na formação do fenômeno social da homofobia⁷. O estereótipo do homem ser homem e da mulher ser mulher, em que a escala de Kinsey⁸ e a psicologia diferencial moderna não penetraram ainda, fornece uma boa base de medo e rejeição nas pessoas mesmas que projetam sua luta e aversão internas para fora sobre os outros, no caso homossexuais, cujo comportamento corresponde às suas imaginações e desejos erótico-sexuais reprimidos. Numa cultura em que o machismo continua a dar o tom, também o outro estereótipo errado que identifica o homossexual com o efeminado, contribui para formar barreira social de rejeição, intolerância, discriminação e marginalização, que condicionam o homossexual à insegurança, angústia, solidão, sentimento de fuga, inibição e até neurose⁹.

O complexo sócio-cultural negativo de condenação e desdém que circunda os homossexuais e lhes obstrui a formação da identidade e a socialização equilibrada compõem-se de muitos fatores que, em boa parte, não estão no nível racional. Eles se perdem na herança cultural dos preconceitos, estereótipos e reações agressivas que cada um recebe desde o seu nascimento pela comunicação da linguagem e aprendizagem de atitudes, sem se conscientizar desta carga ou reconhecê-la facilmente em si mesmo. Como em quase todos os tipos de discriminação, funcionam aqui no tratamento dos homossexuais pela sociedade heterossexual dominante elementos humanos que talvez a psicanálise possa detectar e descrever; ficam, porém, escondidos ao olhar cotidiano. O que durante séculos se formou nos padrões culturais de comportamentos e expectativas de um povo, não é facilmente acessível ao reconhecimento comum ou a um programa de reeducação. Só a antropologia cultural comparati-

7 Neste contexto o termo *homofobia* pode criar confusão, pois significa medo para com os homossexuais, enquanto homossexual indica inclinação por pessoas do mesmo sexo.

8 Cf. Wunibald MUELLER: ob. cit. na nota 1, 29-34.

9 Esta rejeição social é tão forte, que mesmo pessoas de resto tolerantes ficam angustiadas, quando começam a suspeitar que o próprio filho seja homossexual.

va abre os olhos ao fato de que em outras culturas há outras maneiras de interpretar a homossexualidade e de tratar os homossexuais¹⁰.

Sem dúvida, a parte mais acessível deste amálgama embaraçoso para os homossexuais, são as normas de conduta reinante na sociedade local — neste caso o Ocidente — cuja observância condiciona a aceitação das pessoas e sua integração social. Na área da homossexualidade dominam a proibição e rejeição normativa, apesar de certas nuances na tolerância prática. Contudo, proibições éticas não são inocentes; têm seu próprio fado na história cultural. Quanto mais pungentes, radicais e gravemente sancionadas, tanto mais criam um ambiente mental de tabus, de desprezo e intolerância para com aqueles que não as observam, talvez nem possam observá-las. Estas reações entram e se fixam na linguagem do povo, em sua maneira de julgar e tratar os homossexuais e nas qualificações sociais negativas que eles recebem.

Por causa da larga predominância da heterossexualidade, tanto na sociedade, quanto na ideologia normativa que ela forma e conserva, ficam os homossexuais marcados e marginalizados como elementos estranhos que não se enquadram no padrão cultural dominante de conduta e até o contradizem. Em tal clima de condenação e repressão, não só a liberdade evolutiva dos homossexuais fica seriamente bloqueada e restringida, mas também o risco é grande de eles desenvolverem um complexo de falsa culpabilização, remorsos e auto-alienação que limitam mais ainda o horizonte da liberdade, peça central do comportamento ético das pessoas. Pela discriminação normativa sócio-cultural, as próprias vítimas se intoxicam e deformam sua consciência e modos de viver, mesmo se fosse apenas pelo medo de serem descobertos e sofrerem sanções de ostracismo e ridicularização.

A marginalização sócio-cultural dos homossexuais é, de fato, a “solução” do conflito mais ou menos latente e camuflado que há entre eles e os heterossexuais, cujo padrão de comportamento domina a sociedade numa mistura de força majoritária e medo. A pregação idealista dos valores do amor, paz e união, tão comum nos discursos moralizantes, não é capaz de esconder a presença atuante e a extensão larga do princípio de Hobbes “homo homini lupus” na convivência social. As pessoas humanas concretas que funcionam como agentes e produtores éticos não estão postas em uma rede incolor de relações e interações mútuas ou em uma configuração política e social neutra; muitas vezes,

10 George DEVEREUX, em: Hendrik M. RUITENBEEK: ob. cit. na nota 1. Patrícia BIRMAN: “Identidade social e homossexualismo no candomblé”. *Religião e Sociedade* 12 (1985) 1,2-21.

sem querer, estão envolvidas nas contradições, contrastes e conflitos que o quadro global da sociedade histórica apresenta e que condicionam profundamente sua capacidade e liberdade de viver humanamente.

5. RACIONALIZAÇÃO RELIGIOSA DO CONFLITO

Para a formação e permanência do conflito social que envolve os homossexuais, e do complexo de desprezo e repressão que os cerca, a tradição religiosa judaico-cristã teve e tem uma influência importante. A compreensão deste conjunto ético-cultural implica necessariamente a análise histórica da tradição religiosa que foi implantada nas terras brasileiras pela colonização portuguesa e sua religião dominante, o cristianismo. Sem discutir se o código moral cristão foi a origem da esfera de condenação e marginalização dos homossexuais ou apenas a legitimação posterior dos costumes culturais, fato é que as referências religiosas e morais da herança judaica e cristã sempre voltam nos discursos, quando o assunto é homossexualidade. Certamente, na modernização do Brasil, muitas tradições sumiram ou perderam seu poder, mas esta tradição que diz respeito ao homossexuais, pouca mudança parece apresentar.

Uma tradição, ao menos em aparência, homogênea corre seus próprios riscos. A repetição secular das mesmas afirmações e normas pode indicar a constância contínua da sensibilidade ética popular sobre o assunto. Mas somente um exame crítico das referências é capaz de descobrir se no caso se trata de uma confirmação persistente e firme ou apenas de uma tradição "preguiçosa" que ainda não mudou, porque não chamou a atenção especial dos autores que repetem o que aprenderam e encontraram em outros. Onde falta o estímulo de um conflito ou de uma oposição, que obrigam ao discernimento e ao reexame da matéria, também na ética vale que facilmente o presente entrega a herança ao futuro, no máximo embrulhando-a em um novo estilo, uma nova linguagem.

O próprio termo homossexualidade ou homossexual é já um aviso que inspira prudência. Pois se trata de um neologismo, mistura de grego e latim, que só foi cunhado no século passado. Mesmo se um termo tradicional continua a ser usado na atualidade, ainda não há garantia de que seu sentido permaneça estável, pois pode mudar, sem muito alarde, no linguajar do povo e na linguagem científica. Doutro lado, há possibilidade de que o novo termo seja apenas um rótulo novo de conteúdo velho que ficou intato na mudança. Muitas vezes, no entanto, um novo termo obriga a se interrogar se as transformações culturais da vida humana não condicionaram uma nova terminologia, porque as velhas formas lingüísticas interpretativas não faziam mais jus às experiências, sen-

timentos e conhecimentos presentes.

Cada autor que escreveu ou escreve sobre problemas éticos está ligado às suas coordenadas de tempo e espaço. Seu trabalho é condicionado pelo contexto cultural, pelos fatos que constata e pelos acontecimentos em que está envolvido. À leitura crítica do passado cabe a tarefa de descobrir com que fatos e ambientes os autores se defrontaram quando usaram termos que hoje em dia são traduzidos e representados, com maior ou menor fidelidade, pelo termo homossexualidade ou homossexuais. Também os leitores lêem e entendem tais textos dentro de seu próprio contexto e suas condições, conforme a época e ambiente cultural em que vivem. Na longa história do discurso ético ocidental sobre o assunto da homossexualidade, os contextos literários e sócio-culturais mudaram, implicando eventualmente outros acentos, perspectivas e significados. Mesmo se não há evidência suficiente para reconstruir a história toda, algumas indicações são capazes de iluminar as tradições herdadas e seu valor.

5.1 Sodoma e sodomia

Um primeiro indício é fornecido pelo próprio nome que tradicionalmente foi usado na era cristã a respeito desta matéria: sodomia. Este termo foi emprestado da narração bíblica sobre o destino da cidade de Sodoma¹¹. No entanto, uma leitura acurada do texto não encontra base suficiente para esta identificação. Mesmo que o verbo usado ("conhecer") significasse relações sexuais, — o que tem de ser provado —, seu sentido não poderia ser isolado do contexto claro de violência, humilhação, abuso de poder, rapto, estupro e lesão da sagrada lei da hospitalidade, que contrasta vivamente com o modo delicado e gentil de Abraão receber seus visitantes no capítulo anterior¹². Além disso, os anjos ou homens que Ló recebeu em sua casa declaram que Javé os tinha enviado para exterminar o lugar, independente do que ia acontecer depois de sua chegada na cidade. Como indica a conversa de Javé com Abraão, em que este pleiteava clemência, o castigo estava decidido antes, incluindo as outras cidades da planície, em que não houve caso de "sodomia". Na interpretação dos próprios narradores desses textos, a destruição de Sodoma e Gomorra se baseia no grande grito que se ergueu contra a

11 Gn 19, 1-29 (paralelo em Jz 19, 11-30). Na Idade Média, sodomia tem às vezes, sentido mais largo, incluindo onanismo, outra releitura posterior de um texto original.

12 Gn 18, 23-33 (veja v. 29).

população diante de Javé, anterior à brutalidade para com os hóspedes de Ló, contada no início do capítulo 19.

Na tradição judaico-cristã, a destruição de Sodoma se tornou o símbolo do castigo de Javé e a sombra ameaçadora sobre as infidelidades repetidas do Povo da Aliança. Por isso as referências a Sodoma são bastante numerosas na literatura bíblica¹³. No entanto, nenhuma delas menciona atos homossexuais como causa do extermínio, como também nenhum texto que se refere a tais atividades lembra, a título de exemplo, o destino fatal de Sodoma e das cidades da planície. O arruinamento pelo fogo dessas cidades é atribuído às iniquidades, matança de inocentes, injustiças contra os mais fracos, orgulho, opulência, glotoneria, ociosidade, às abominações diante da face de Javé, à hostilidade para com estrangeiros, sem nenhuma especificação de ordem sexual. Nos primeiros escritos cristãos, a memória de Sodoma é posta no novo contexto da fé em Cristo Jesus, sua negação apesar dos muitos sinais que o acompanhavam, e o momento inesperado de sua segunda vinda, mas não há nem a mais vaga referência a algo de sexualidade.

A exceção é formada por dois textos bíblicos cristãos de data mais recente, Judas e 2 Pedro, que exemplificam a mudança de sentido que gerações posteriores de judeus e cristãos introduziram na maneira de ler seu passado, ligando a destruição de Sodoma e das cidades vizinhas a vícios sexuais¹⁴. Embora o texto de Jd pareça se referir em geral à prostituição, — que na tradição judaica pode ter um sentido simbólico —, e as palavras de 2 Pd sejam mais vagas ainda, ambos mostram uma tendência interpretativa diferente, sofrendo a influência da literatura rabínica e apócrifa que, mais ou menos um século antes da era cristã, começou a reagir contra a infiltração do helenismo e seus costumes liberais em Israel¹⁵. No quadro das práticas helenísticas cabem a pederastia, o abuso sexual de escravos pelos homens livres e a prostituição masculina. Para defender-se contra essas anomalias, verdadeiras abominações

13 Gn 13, 10.13; 14, 2-24; 18, 20-19, 29; Dt 29, 23; 32, 32; Is 1, 9; 3, 9; 13, 19; Jr 23, 14; 49, 18; 50, 40; Lm 4, 6; Ez 16, 48-50.56; Am 4, 10; Sf 2, 9; Sb 10, 6-8; 19, 13-17; Ecl 16,9; Mt 10, 15; 11, 23s; Lc 10, 12; 17, 29; Rm 9, 29. Muitos textos não só mencionam Sodoma, mas também Gomorra ou as cidades da vizinhança, onde nada de abuso de homem por homem é mencionado:

14 Jd 6-7; 2 Pd 2, 6-8.

15 H.-L. STRACK — P. BILLERBECK: *Kommentar zum Neuen Testament*. München, 1954, vol. III, 68-74.

para o Código de Santidade de Levítico e o Código Penal de Deuterônimo¹⁶, a intenção maldosa dos homens de Sodoma, de abusar, talvez sexualmente, dos estrangeiros recém-chegados, se torna o tema central e a causa principal da destruição. A nova situação ameaçadora para as tradições judaicas leva a uma nova leitura do passado. Essa interpretação entra depois no fluxo da tradição cristã. Atoos homossexuais recebem o nome de sodomia e seus agentes são chamados sodomitas.

5.2 O Jesus dos Evangelhos

O ciclo dos escritos da tradição judaico-cristã antiga pode ser analisado estruturalmente de duas maneiras. Conforme o princípio da criação, a leitura coloca como centro Deus, o Criador e Senhor, e começa pelas narrações da origem do mundo, passa pela história de Deus com seu povo de Israel e termina com o Apocalipse, como apoteose final. Nesta perspectiva, a interpretação dos textos isolados sobre a homossexualidade é iniciada com a história de Sodoma, encontra sua confirmação em Levítico e Deuterônimo e assume na mesma linha as referências paulinas, deixando a impressão de que os fatores contextuais do tempo ou ambiente cultural dos autores não têm importância. A seqüência, tão conhecida na argumentação ética costumeira, quase eterniza os textos, tira-os fora de seus contextos epocais e nem se preocupa de saber se os diversos autores tinham as mesmas imagens de homossexualidade na mente, quando escreviam sobre este assunto.

Em ambiente cristão, a estrutura bíblica se concentra na pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo Senhor, primogênito de toda criatura. Em redor de seus gestos e palavras, de sua vida, circula o universo humano com sua história. Como expressões de uma longa evolução histórica, os livros bíblicos não são mais lidos um após outro na seqüência costumeira das edições. São os evangelhos que se tornam a chave da leitura dos demais, enquanto afirmam e criticam os livros anteriores no tempo e formam a inspiração original das cartas apostólicas, mesmo onde estas abordam problemas específicos de certas comunidades locais.

O que chama a atenção, e fica mais claro na segunda maneira de ler a Bíblia, é a ausência de qualquer referência à homossexualidade nos evangelhos, apesar de que a condenação veemente da literatura rabínica da época faça supor que tenha sido uma prática conhecida e não apenas uma ameaça de fora. Muito material da tradição judaica em que foi educado, Jesus assume, pratica e confirma. Doutro lado, a respeito de várias normas tradicionais, ele se distancia, critica-as, aprofunda seu

¹⁶ Código de Santidade em Lv 17-26; Código Penal em Dt 12-26; os textos sobre o homem deitar com homem são Lv 18,22; 20, 13; Dt 23, 18s.

sentido ou relativiza seu valor. Em sua conduta, demonstra grande liberdade frente aos costumes de seu povo, distanciando-se de qualquer discriminação social e assumindo com firme delicadeza a defesa dos marginalizados de seu tempo, como ilustram as histórias da mulher adúltera e da mulher de má fama, cujos delitos estavam precisamente na área sexual¹⁷.

A vida cotidiana do povo, homens e mulheres, a vida familiar com suas luzes e sombras não só pertencem à experiência do agudo observador que era Jesus, mas também lhe fornecem o material para as parábolas e críticas dos costumes. Casamento, adultério e divórcio foram assuntos de importantes pronunciamentos seus. Nestas matérias, ele muda as tradições que vigem entre o povo, protesta contra interpretações relaxadas e idealiza o matrimônio de tal modo que seus próprios discípulos se mostram desanimados diante de tanta altura, chegando à conclusão de que era melhor não casar¹⁸. Sobre todos estes assuntos de ordem sexual discursou com uma autoridade que atraiu a atenção de seu público, acostumado à maneira rabínica de argumentar com as citações de outros.

O silêncio sobre a homossexualidade, no entanto, não abre caminho à aplicação do princípio: quem cala parece consentir. A fidelidade de Jesus à sua proveniência judaica e sua insistência na observância da Lei e dos Profetas, apesar das correções, levam a supor que a condenação da homossexualidade, firme na tradição do Povo de Israel, também pertencesse à sua bagagem cultural. Mas o silêncio realça na mensagem de Jesus algo mais precioso para a discussão do problema dos homossexuais. Na consciência missionária de Jesus vive um núcleo de comunicações que supera os problemas sexuais específicos e põem-nos num segundo lugar. Para ele, a presença atuante do Pai está no centro, com seu Reino, em que todos os seres humanos se tornam irmãos da mesma família, interligados pela prática do amor mútuo e fraterno. Com isso, no horizonte do problema dos homossexuais surge uma luz: o amor do Pai para com todas as pessoas e o amor solidário que há de marcar concretamente as relações humanas e a convivência social, livre de discriminações e preconceitos¹⁹.

17 Mulher adúltera em Jo 8, 1-11; mulher de má fama em Lc 7, 36-50.

18 Mt 19, 10.

19 Veja Rudolf SCHNACKENBURG: *Die sittliche Botschaft des Neuen Testaments*, Freiburg, 1986, I, 31-67. Leonhard GOPPELT: *Teologia do Novo Testamento*, Petrópolis, 1983, 2. ed., I, 80-108, etc.

5.3 A leitura dos escritos paulinos

Com formação judaica aprimorada e enfrentando as dificuldades das primeiras comunidades cristãs no mundo helenístico-romano, São Paulo aborda de modo explícito o problema da homossexualidade. Pela terminologia que usa de "arsenokoitai", inspirada na Septuaginta e tradução quase literal da tradição judaica vetero-testamentária que falava de homem deitar com homem, sua opinião sobre o tema se coloca na linha proibitiva do Código de Santidade e do Código Penal dos livros mosaicos²⁰. Se naquela época a pena de morte ainda funcionava em caso de atos homossexuais, constatados em flagrante, pode ficar questão aberta. Talvez o povo tivesse desenvolvido neste caso a mesma tolerância que manifestava para com mulheres adúlteras. Sem dúvida, a proibição e abominação deste tipo de relações sexuais estavam bem vivas na memória, talvez mais claras ainda por causa do confronto da tradição judaica e da novidade cristã com as práticas homossexuais da cultura helenístico-romana, mencionadas expressamente por São Paulo na carta aos Romanos.

As práticas homossexuais que São Paulo encontrou nas cidades da Grécia e em Roma e impressionaram o apóstolo que antes era um farsiseu exemplar de vida irrepreensível²¹, eram bastante diferentes das

20 Rm 1, 26s; 1 Co 6, 9; 1 Tm 1, 10; Ef 5, 3-5. Veja Septuaginta, ed. Alfred Rahlf, Stutthart, s/a, I, 191 (Lv 18, 22); 194 (Lv 20,13). O termo *mala-koi* não é focalizado neste contexto por ter um sentido impreciso, mais amplo. Posteriormente recebe o sentido de masturbação, em latim "*mollities*". Comentários dos textos paulinos: veja nota 1, letra b). William Graham COLE: *Sexo e amor na Bíblia*, São Paulo, 1967, 207-224. Anthony KOSNIK (ed.): *Human Sexuality*, New York, 1977, 188-218. Robin SCROGGS: *The New Testament and Homosexuality*, Philadelphia, 1983. Rinus HOU-DIJK: "Kerk en homosexualiteit" *Tijdschrift voor Theologie* 26 (1986) 259-281. "La condition homosexuelle". *Lumière et vie* 29 (1980) n. 147, 5-40. W. L. PETERSEN: "Can 'arsenokoitai' be translated by homosexuals?" *Vigiliae Christianae* 40 (1986) 187-191. J. ANSALDI: "Entre L'interdit et la complicité". *Études théol. et rel.* 62 (1987) 209-222. Para contrabalançar: Joseph JENSEN: "Human Sexuality in the Scriptures", em: *Human Sexuality and Personhood*, St. Louis, 1981, 15-35. D. F. WRIGHT: "Homosexuals or Prostitution?" *Vigiliae Christianae* 38 (1984) 124-153. M. GILBERT: "La Bible et l'homosexualité". *Nouvelle Revue Théol.* 109 (1987) 78-95. Ao que parece estes últimos autores projetam interpretações modernos da homossexualidade em textos do passado, de outros ambientes culturais.

21 Fl 3,5s. 17.

que os antigos judeus conheciam. Apesar de toda generalização arriscar a desfiguração da realidade histórica, pode-se dizer que na cultura helenística as relações homossexuais eram mais frequentes, publicamente aceitas e socialmente toleradas mas eram sobretudo diferentes. A prostituição masculina era bem conhecida, cultivada em bordéis e explorada como tema nos teatros populares, embora tal práxis possa ser até hoje trabalho de heterossexuais ou bissexuais. Pela hegemonia dos homens na vida pública e o papel secundário caseiro das mulheres, a procura do lazer estava mais concentrada nos círculos masculinos das praças e casas de banho públicas.

Ao lado da prostituição masculina, gregos e romanos da época conheciam a pederastia, praticada por homens livres maduros com adolescentes livres ou escravos. Mais espalhada na Grécia do que em Roma, racionalizada pelo ideal da beleza corporal masculina dos jovens e do amor sublimado, livre e sem submissão, este tipo de relacionamento entre adulto e rapazinho novo era considerado uma introdução à vida sexual afetiva, em que a mulher não tinha vez. Na antiguidade greco-romana em que os primeiros cristãos viviam, os filósofos desenvolveram uma ampla discussão sobre esta práxis, trocando argumentos em favor e contra este costume, em que o valor superior da masculinidade e a misoginia desempenham papel claro²². Até que ponto o costume da pederastia estava espalhado entre o "povão" é difícil saber com segurança.

Quando São Paulo entrou em contato com este mundo, não atendeu muito às características próprias destes costumes, mas vinculou-os imediatamente às proibições dos Códigos seculares de seu povo e reagiu na linha de sua tradição. De fato, conforme uma interpretação provável, sua Carta aos Romanos faz a primeira e única menção na Bíblia de práticas sexuais entre mulheres. Mas esta novidade não impede que os demais textos focalizem os atos sexuais entre homens. Em sua chamada objetividade, atos humanos podem ser iguais em sua apresentação biológica e física, mas sua configuração humana, o sentido que os próprios agentes humanos lhes dão, não só variam conforme as formas e intenções particulares de cada um, mas também conforme as épocas e culturas diferentes em cujo contexto se realizam. O problema central que se coloca não é tanto, o que são atos homossexuais, mas qual é, para São Paulo, o significado, a interpretação cultural, religiosa e ética que lhes dá.

Na mentalidade judaica tradicional, o sentido contextual de tais atos entre homens se chocava com vários valores arraigados na cultura do povo de Israel: a procriação de filhos para garantir a continuação

da família, da estirpe, de geração em geração, com um fundo de esperança messiânica e de proteção e amparo na velhice; a supervalorização do sêmen, conforme os conhecimentos daqueles tempos tão importante para a geração dos filhos, que a função da mulher era reduzida à da terra em que a semente é deitada para se desenvolver; o distanciamento e a oposição aos cultos pagãos da fertilidade e da hierogamia, tanto para o povo mostrar sua fidelidade ao seu único Deus, Javé, quanto para construir e conservar sua própria identidade de Povo eleito. Também o senso altivo da liberdade, profundamente marcado na memória do povo de Israel pela libertação da escravidão do Egito, entrava em questão, porque a prática do coito anal era um dos meios mais cruéis de humilhar os inimigos e de abusar dos escravos. No encontro entre a linha judaica de pensar de São Paulo e certos costumes greco-romanos pagãos, o choque e o escândalo fizeram reviver e avigorar as velhas proibições, herdadas através dos séculos, de seu povo.

Entretanto, não seria justo explicar a fidelidade paulina à tradição judaica e a sua proibição categórica de atos homossexuais, como se fossem a reação escandalizada de um homem interiorano que, pela primeira vez, visita uma grande cidade, um porto internacional, uma metrópole, com seus usos e abusos públicos. Tampouco se trata de persistência automática e acrítica de atitudes tradicionais, que o apóstolo aprendeu em sua infância. A maneira própria de São Paulo estruturar seu pensamento ético e orientar as comunidades cristãs com que tem contato escrito, demonstra uma visão bem mais profunda e refletida. Os problemas éticos que as comunidades novas enfrentam, as soluções que São Paulo propõe e os códigos familiares com que procura encaminhar a conduta dos fiéis no mundo pagão não formam uma ética autônoma que circula em redor do eixo de uma racionalidade intramundana, filosófica. Muito material usado em suas exortações foi emprestado pelo bom senso da sociedade em que o apóstolo e os cristãos viviam. Em sua totalidade, porém, as diretivas éticas dele estão centradas no mistério e na caridade de Cristo e na vida do Espírito, que forma o fermento, a luz e o quadro para o agir humano²³.

Como o antigo Código de Santidade coloca suas normas e proibições no grande contexto, revelador de sentido, da Aliança de Javé com seu povo, igualmente o apóstolo dos gentios se refere, entre outros atos humanos, aos da homossexualidade dentro da moldura global e iluminadora do amor de Deus e da justificação por Cristo Jesus. A peça

23 H. HASENSTAB: *Modelle paulinischer Ethik*, Mainz, 1977. T. J. DEIDON: *New Covenant Morality in Paul*, Rome, 1981. S. ZEDDA: *Relativo e assoluto nella morale di San Paolo*, Brescia, 1984.

central, a comunicação principal, dominante das exposições, é a salvação de todos, judeus e pagãos, pela fé, pela graça gratuita de Deus mediante a fé. Na composição dos textos, para destacar melhor a sublimidade da graça, São Paulo faz um jogo rembrandtiano de luz e sombra, um gênero literário que aprofunda a sombra sem nuances e deixa brilhar mais claramente a luz, como verdadeira fonte de vida e conduta cristãs. Os sinais que compõem as zonas de sombra não são apresentados tanto em sua malícia interna subsistente, mas servem em primeiro lugar para ilustrar a oposição entre a vida sem fé e a vida baseada na graça da fé. A luz é o centro de irradiação do bem, lançando sombras profundas sobre uma variedade de comportamentos que não a suportam, enquanto as sombras mencionadas funcionam mais como contornos negativos do esplendor da luz do que como normas proibitivas da conduta ética. A normatividade persiste, mas é colocada em dependência, relativizada, frente à fonte original, a vivência da fé e do amor.

5.4 O quadro ideológico de fundo²⁴

No contexto dos atos sexuais entre homens, São Paulo usa pela primeira vez o termo "physis" ou "physiké chrésis", natureza e uso natural ou relações naturais²⁵. Também aqui há riscos de tempos ulteriores lerem estas expressões conforme a evolução do pensamento filosófico de sua época. De influência helenística, estes termos ainda não significam o que especialmente a neo-escolástica fez deles nas discussões confusas sobre a lei natural. Como a comparação com os argumentos sobre o uso do véu para as mulheres demonstra²⁶, São Paulo interpreta os termos no sentido mais largo e vago de costume, maneira ou uso comum, normalidade sociológica, uma categoria empírica baseada na opinião pública de "todo mundo faz assim" e, por isso, convém que se faça desta forma, numa passagem quase automática e tão freqüente da ordem comum dos fatos e comportamentos humanos para a ordem ética do dever-ser.

Nos contextos em que São Paulo menciona os atos sexuais entre homens, falta a mediação principal para clarear a condenação. Nem a justificação da fé, nem os frutos do Espírito, nem a participação do

²⁴ Ideológico tem aqui o sentido original do Iluminismo francês, sem a conotação pejorativa marxista.

²⁵ Rm 1, 25a.

²⁶ 1 Co 11, 2-16 (cf. v. 14).

Reino de Deus, nem a natureza operam em sua argumentação como premissas da conclusão lógica da proibição. Essa encontra sua base racional em um pressuposto escondido que perpassa toda a tradição judaico-cristã antiga e que se resume na convicção comum de que os seres humanos são exclusivamente heterossexuais. Na opinião geral daquelas épocas, não há apenas duas formas de pessoas humanas, homens e mulheres, mas os homens estão inclinados de origem para as mulheres e as mulheres para os homens. Todos são sexuados no sentido orgânico e todos estão dirigidos para as pessoas do outro sexo, no nível dos desejos, sentimentos e atos, como as plantas procuram o sol e se voltam para a luz. Nesta interpretação antropológica comum da exclusividade heterossexual, como fato original e ordinário da existência humana dos dois sexos, a proibição da homossexualidade se ajusta por consequência, como uma luva na mão.

Em todos os textos da Sagrada Escritura referente à homossexualidade, está subjacente o pressuposto de que os seres humanos são todos heterossexuais e assim foram criados por Deus. Também no texto de Rm 1,26-27 que se refere a práticas homossexuais, está subentendida a interpretação popular comum da sexualidade, identificada com relações sexuais entre homem e mulher em vista da procriação da estirpe familiar²⁷. Com outras palavras, os escritores da Bíblia vêem a anormalidade dos atos homossexuais precisamente no fato de que são realizados por pessoas "normais" = heterossexuais, porque assim todas foram criadas. Sem nenhuma idéia das teorias modernas sobre a evolução sexual das crianças ou da perversão poliforme freudiana, e sem conhecimento da possibilidade de uma pessoa constitutivamente homossexual, os autores antigos — e não só dos Livros Sagrados — interpretam as manipulações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo sempre contra o fundo exclusivo da heterossexualidade, supostamente presente em qualquer pessoa. Por isso, também as proibições paulinas se referem diretamente aos atos homossexuais de pessoas que são heterossexuais.

Que tais autores não possuíam as idéias modernas sobre homossexuais, manifesta-se também de outro modo, quando se procura descobrir no contexto histórico dos textos bíblicos o exato significado dos atos homossexuais que os autores daquela época conheciam. No Antigo Testamento, a condenação de tais atos está ligada ao contexto global da luta contra a idolatria e o culto da fertilidade dos pagãos vizinhos e à prática de tais atos para humilhar os inimigos vencidos e escravizados. *Em várias narrações "edificantes" os atos homossexuais são realizados*

27 Esta finalidade não é exclusiva. Veja, p. ex., 1 Sm 1, 9 ou Ecl 16,4.

na base de estupro e violência, contra a vontade das vítimas²⁸. Nas referências neotestamentárias, os autores têm na mente certos costumes do mundo helenístico-romano de pederastia com rapazinhos livres, abusos sexuais de escravos pelos seus donos e prostituição masculina. A única menção feita aos abusos entre mulheres provavelmente trata de atos homossexuais e não apenas de sensualismo; mas também este texto pressupõe a idéia da universalidade heterossexual.

A conclusão que começa a brotar desta análise é que os homossexuais no sentido moderno não são diretamente intencionados ou atingidos pelos textos bíblicos e a literatura ética tradicional. Desde a antigüidade, o discurso ético sempre saiu consciente ou inconscientemente da suposição comum de que houvesse um único gênero de homem e mulher, o heterossexual. Esta constância não impediu que a tolerância, melhor talvez a intolerância, com que judeus e cristãos encaravam os atos sodomíticos, fosse bem variável pelos séculos²⁹. Embora seja um ponto bem importante para o entendimento da práxis do passado, o espaço de um artigo não permite aprofundar a ondulação das atitudes reais para com pessoas, suspeitas ou acusadas de tais atos, seja nas exposições teóricas dos manuais de moral, livros penitenciais e códigos penais civis, seja nas práticas dos vários povos cristãos nas várias épocas. No subsolo da mentalidade, porém, a interpretação da sexualidade, sempre orientada para o outro sexo, ficou estável; outras práticas eram sumariamente taxadas de atos de luxúria.

No entanto, desde o século passado, evidência empírica se acumulou de modo suficiente para aceitar o fato de que certas pessoas são estruturalmente ou constitucionalmente homossexuais. No plano teórico continuam as discussões sobre sua etiologia, suas explicações e possibilidades de cura, seja qual for a interpretação que os autores queiram dar a esta palavra neste contexto, mas o fato é inegável: há verdadeiros homossexuais entre homens e mulheres, às vezes chamadas lésbicas. Nestas pessoas, os desejos, imaginações, afetos e força sexual se dirigem exclusiva ou predominantemente, mesmo sem opção ou intencionalidade, para pessoas do mesmo sexo. Quebrando o monopólio suposto da natureza heterossexual universal de todos os seres humanos, estes homossexuais caem em uma espécie de vácuo ético, sem regras de conduta já formuladas, sejam como projeto global de vida, sejam como proibi-

28 Cf. Gn 19, 1-29; Jz 19, 11-30

29 J. BOXWELL: *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality*, Chicago, 1980. Ph. ARIÉS — A. BEJIN: *Sexualités occidentales*, Paris, 1982 M. BERNOS (et al.): *Le fruit défendu*, Paris, 1985.

ções e caminhos interditados. Porque o material ético que a história fornece, se enquadra no totalitarismo subjacente da heterossexualidade, a atividade humana interrelacional dos homossexuais constitucionais está como em órbita, fora do mundo da normatividade sexual regulamentada com suas justificações e tabus tradicionais. Seria uma injustiça impor aos homossexuais um código de conduta, baseado em última análise na heterossexualidade da maioria dominante.

Normas éticas tradicionais não costumam cair do céu, mas são produto de longas experiências vividas, acumuladas em séculos, antes de se tornarem fórmulas fixas, institucionalizadas nos códigos morais de um povo, de uma religião. Embora fragmentária, a história da tradição judaica e cristã que coloca os fatos éticos em seu condicionamento contextual, fornece neste ponto material suficiente. Em função disso, a pergunta se põe; onde arranjar um "ethos", uma práxis ética confiável, em que um código de normas afetivas e sexuais, sociais ou interrelacionais possa embasar-se, no caso dos homossexuais, dado o clima de opressão, condenação e, com isso, de falta de liberdade de viver que lhes marcou a vida até agora? Que as dez palavras ou dez mandamentos de Moisés foram promulgados depois da libertação do povo de Israel não é apenas história, mas possui um valor simbólico que transcende ao seu contexto original. Já há condições no tempo presente para esboçar com certa segurança uma maneira de viver, um código normativo para os homossexuais, partindo do condicionamento próprio, peculiar, deles?

6. UM PROBLEMA ÉTICO A DOIS

A ética usa a práxis humana como objeto de reflexão crítica, explicitando as regras do jogo convivencial, justificando a normatividade existente, projetando novos rumos já tomados. Para não se isolar numa torre de marfim e fazer discurso aos surdos, o agente da reflexão se preocupa também com a eficiência, pois o giro que sai da práxis há de voltar ao ponto em que ela está, a fim de orientá-la para a frente, conforme a responsabilidade de cada um. Sem repercussão na práxis da sociedade, o sistema pensado funciona como um foguete sem controle no espaço. A história fornece bastante exemplos de como a práxis pode deformar a dignidade humana das pessoas e aprisionar-lhes a liberdade, e a teoria legitimar o que épocas posteriores reconhecem como falsa camuflagem da má consciência coletiva.

Por si, a proposta de deixar liberdade aos homossexuais para eles mesmos descobrirem o significado da afetividade e sexualidade em suas relações mútuas e inventarem seu mapa de caminhada ética seria uma utopia de eficácia muito limitada, talvez até simplesmente irreal. Embora eles formem uma minoria quase invisível e pouco organizada, suas

reclamações e tentativas de emancipação libertadora já possuem bastante volume para serem ouvidas no Brasil, tradicionalmente cristão. O problema, porém, é que eles não são ilhas isoladas; estão intimamente ligados em sua história pessoal e grupal, na procura de sua identidade e na vivência livre de seus direitos humanos, à maioria dominante dos heterossexuais e ao código normativo deles. Esta convivência social inevitável se realiza num clima de preconceitos, agressividade, opressão e homofobia, o qual não desaparecerá por simples passe mágico. Fuga num jogo de esconde-esconde ou ostentação, sofrimento ou confronto de cabeça erguida, é sempre em relação aos outros, à maioria predominante dos outros, que os homossexuais se formam; é pelos outros, pelo padrão dominante de expectativas culturais, que eles são condicionados e até pressionados num longo processo de inibições e frustrações.

Pleitear libertação na esperança de resolver assim automaticamente o problema ético dos homossexuais implica um simplismo fatal. Liberdade é condição "sine qua non"; não é garantia do bem fazer, do bem-conviver. Qualquer forma de dominação, discriminação ou marginalização social não atinge apenas as forças dominantes, desmoralizando-as, mas alcança também os oprimidos, criando neles condicionamentos negativos, desfavoráveis à liberdade de viver e conviver na sociedade, racionalizados por uma ideologia de submissão, fatalismo, paciência e resignação, com acenos, em áreas cristãs, para uma felicidade de outro mundo. Se há mentalidade deformada de dominar, há igualmente mentalidade deformada de escravo que, oprimido, aprendeu a sobreviver, dando jeito, em sua situação de violência e vexame³⁰. Pessoas e grupos, dependentes dos caprichos dos outros, vítimas passivas das crueldades dos outros, costumam descobrir caminhos tortos para salvar sua pele numa mistura de medo, esperteza, servilidade fingida e vontade de escapar ou boicotar. Dominadores e dominantes se condicionam mutuamente, em prejuízo de ambos os partidos, de modo que a recuperação da dignidade humana depende de um processo entre homossexuais e heterossexuais, ambos obrigados a quebrar os velhos esquemas atitudinais que perduram.

No entanto, no processo de adequação e correspondência mútuas em igualdade de direitos, de espaço de viver em liberdade, funciona um elemento humano que atrapalha a todos e há de ser vencido, ultrapassa-

³⁰ Veja B. LEERS: *Jeito brasileiro e norma absoluta*, Petrópolis, 1982, 65-75. Cf. H. PORTO — H. SCHLESINGER: *Anatomia do anti-semitismo*, São Paulo, 1975. E. HEINIGER: *Ideologie des Rassismus*, Immensee, 1980. Barbara HILDERT ANDOLSEN (et al.): *Women's Consciousness, Women's Conscience*, San Francisco, 1987, etc.

do por todos, maioria e minoria. Atrás das histórias de opressão e discriminação, por sob as razões sempre repetidas, uma força dinâmica está operando nos seres humanos, cujo núcleo central é sua capacidade limitada de aceitarem os outros em sua alteridade, em suas diferenças de sexo, cor, posse e poder. Cada pessoa, cada grupo traz consigo sua própria sombra. Nos encontros com os outros, o senso subconsciente do limite condiciona o medo, a agressividade, as formas de morte que os heterossexuais mostram, mesmo sem querer, diante dos seres para eles estranhos, chamados homossexuais, que não cabem dentro de seus parâmetros mentais, aprendidos da cultura dominante. A mesma estranheza, também os homossexuais a experimentam, muitas vezes na base de introjeção. Os tempos modernos não se interrogam mais, se mulher, negro ou homossexual tem alma, mas o obstáculo à aproximação e ao reconhecimento do outro continua o mesmo.

Nos encontros humanos manifesta-se sempre a ambivalência, inerente ao ser humano, de atração para com os outros; podem adaptar-se, acertar o passo com outros e mutuamente se engrenar; chegar até a inculturar-se bem em outros tipos de cultura e assumir outras formas de viver com maior ou menor sucesso³¹. Doutro lado, é experiência de cada dia que o processo de aproximação humana, mesmo começando com boa vontade, não possui a garantia de bons resultados para sempre. Quanto maiores são as diferenças entre pessoas que se encontram, tanto mais árdua e exigente é a aceitação respeitosa do outro, como ele é e se comporta. Quanto mais diferente é o outro que se apresenta, tanto mais perturba o mundo em que a pessoa vive e que formou em redor de si mesmo. Libido e instinto de morte, simpatia e antipatia, amor e ódio desempenham juntos seu papel nas maneiras de as pessoas e grupos se relacionarem entre si em termos de amizade e agressividade, liberdade de convívio ou opressão dominadora, edificação recíproca ou destruição.

No plano cultural político, o mecanismo da libertação se manifesta em todas as formas de discriminação e marginalização. Grupos de pessoas, minorias — menores em número, poder ou status social — são inferiorizados e desprezados, porque os grupos dominantes na sociedade não são capazes de identificar-se com eles, de aceitá-los em pé de igualdade e participação, com medo de perderem sua autoproclamada superioridade e importância. A distância vertical, formada geralmente em longa história, é grande demais para reconhecer os outros como pessoas

31 F. J. J. BUYTENDIJK: *Phénoménologie de la rencontre*, Tournai, 1952. M. SCHELER: *Wesen und Formen der Sympathie*, Frankfurt, 1948, 5. ed.. L. C. SUSIN: *O homem messiânico*, Petrópolis, 1984, 199-309, para a inspiração de E. Lévinas.

humanas de plenos direitos e igual dignidade humana. Mulheres, negros, pobres, excepcionais, deficientes físicos, homossexuais, todos entram na dança macabra, de maneira mais ou menos pública, vítimas da incapacidade das forças dominantes de saírem de seu mundo estabelecido, descobrirem e assumirem os outros como "gente". Com uma identidade, aparentemente forte, de fato precária, o grupo dominante se esconde dentro dos limites de se encontrar com os outros, incapaz de descer do trono e aproximar-se, aberto, exposto ao risco, na planície da humanidade comum.

Talvez não seja exagerado sugerir que o maior obstáculo dos homossexuais a seguirem seu caminho de auto-realização pessoal e convival na sociedade é a maioria heterossexual, encastelada em secular tradição de preconceitos e práticas dominadoras. O trágico das limitações, das sombras desta maioria, que impedem o encontro mutuamente humano com os outros, é que seu complexo de homofobia agressiva e tudo o que está misturado nele continuarão, mesmo que o longo processo da racionalização seja desmantelado em papel. Independentemente do problema da culpa ou culpabilização, dois elementos negativos entram aqui em jogo: a persistência dos fatores irracionais que funcionam no relacionamento com os outros, diferentes como são, e que dificilmente são reconhecidos pelos seus portadores; e a lentidão com que apreciações e atitudes, arraigadas na história cultural de um povo, se deixam desmascarar e se dissolvem em uma mudança, uma integração de comportamento de solidariedade e participação em pé de igualdade e respeito mútuo. Mesmo onde a coexistência urbana com seus extremos de multidões anônimas e privacidade cria uma tolerância pública maior, há sempre o risco de o preconceito, aparentemente mudado, levantar de novo a cabeça. A reação contra os "gays" nos países altamente urbanizados, no início da onda da AIDS, fala por si mesma.

No contexto cultural presente, o encontro humano entre heterossexuais e homossexuais está profundamente marcado pelo medo recíproco que perturba o relacionamento e cria barreiras para cada um aceitar em seu mundo vivido o outro como igual diferente. O medo costuma ser mau conselheiro, especialmente se suas raízes desaparecerem no escuro e se alimentam de mitos que a própria insegurança projeta. Pior ainda é que o medo é parente próximo da fuga e da agressividade. Pela fuga, o homem tenta se proteger e justificar, jogando a culpa no outro, em vez de reconhecer sua própria fraqueza e assumir os riscos do encontro; pela agressividade, facilmente vira um Dom Quixote que ataca moinhos de vento, porque é incapaz de aceitar a realidade do outro, como ele é, pensa, age e se situa no universo humano. Na vaga nuvem sócio-cultural da fobia e agressão, da qual todos participam e na qual

todos se formam pelo jogo de apelo e resposta, processa-se constantemente a falsificação do outro e da própria pessoa. Condiçionados inapelavelmente um pelo outro, ambos são o que não querem ser e querem ser o que não são, com ou sem boa vontade de abrir-se um ao outro.

Éticas idealistas costumam esgrimir com grandes palavras: liberdade, igualdade, justiça, participação, fraternidade, como se a vida humana fosse um espetáculo pirotécnico em dia de festa. Na realidade, porém, a admiração das alturas passa com a rapidez da festa; talvez sirva para reanimar o público, levando-o a ultrapassar a dureza do cotidiano, em que toda luz é acompanhada pela sua sombra. A história do passado conhece fatos e mais fatos de que o discurso ético é mais fácil e custa menos tempo e energia do que a realização ou, ao menos, a aproximação dos ideais e valores humanos sonhados e projetados no firmamento. Especialmente tratando-se de complexos culturais de longa data, que se fixaram na subconsciência coletiva e na linguagem comum e estão ligados às penumbras e ansiedades de cada um, ninguém pode esperar milagres. Talvez surja um vaga-lume, mas um só também não clareia a noite nem afugenta as sombras da vida humana e social. No entanto, "questionamentos honestos, embora humilhantes, são a matriz da compreensão libertadora"³². E a humanidade caminha, esperançosa, para frente, tentando vencer os obstáculos da própria angústia e insegurança existencial.

³² M. L. LAMB: *Solidarity with Victims*, New York, 1982, XIII.

Bernardino Leers O.F.M. nasceu na Holanda em 1919, estudou Teologia em Nijmegen e Roma. Desde 1951 vive no Brasil. É professor de Teologia Moral na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte - MG). Autor de inúmeros artigos e livros. Entre suas últimas publicações destaquem-se: *Jeito brasileiro e norma absoluta*, 1982; *Teologia Moral: impasses e alternativas* (juntamente com Antônio Moser), 1987; *O ministério da reconciliação: uma ética profissional para confessores*, 1988 (todos pela Ed. Vozes, Petrópolis).

Endereço: Caixa postal 16 - 35500 Divinópolis - MG).